

## Os “novíssimos”: a narrativa italiana contemporânea em foco

Profa. Dra. Annita Gullo

### Resumo:

*O texto apresenta uma breve reflexão sobre o cenário literário italiano contemporâneo a partir de três importantes escritores – o napolitano D’Orta, o siciliano Camilleri e o torinês Baricco – em suas variadas expressões e interações. Seus textos são representativos da nova geração de escritores italianos, refletem a crise da identidade nacional e mundial, as transformações lingüísticas e culturais, diante de um cenário marcado pela globalização.*

**Palavras-chave:** Narrativa Italiana, Narrativa Contemporânea, Identidade, Língua, Cultura

### Introdução

Pretendemos com o presente trabalho dar continuidade à temática levantada por esse Simpósio, em nosso último congresso, quando tratamos das culturas que dialogam, especialmente a brasileira e a italiana, que são objetos de nossos estudos. Assim, no espírito das “tessituras, interações e convergências”, teceremos uma breve reflexão a cerca do cenário literário italiano contemporâneo focalizando, especificamente, uma parte dos escritores que são considerados à margem do cânone literário italiano. Dentre os muitos escritores italianos que publicam textos inovadores e estão obtendo sucesso atualmente na Itália e no exterior, escolhemos para esse trabalho apenas três, pois os consideramos representativos da nova geração de escritores italianos. São eles – o napolitano D’Orta, o siciliano Camilleri e o torinês Baricco, que denominamos “novíssimos” e para nós refletem a crise da identidade italiana e mundial dos últimos anos, as transformações lingüísticas e culturais, diante de um cenário marcado pela globalização. A escolha dos três autores a serem apresentados não foi aleatória. Deve-se ao fato deles terem sido objeto de estudo nas disciplinas oferecidas em nossos cursos de mestrado e doutorado, durante o primeiro semestre desse ano, quando procurávamos apresentar novos escritores italianos, que exemplificam o tipo de língua atualmente usada na Itália. Além dos nomes já mencionados visitamos escritores como Andrea De Carlo, Erri De Luca, Giuseppe Montesano, Melania Mazzucco, Diego de Silva, Niccolò Ammaniti, dentre outros. Apresentamos, também, o jovem escritor napolitano Roberto Saviano (1980), com seu chocante e polêmico livro *Gomorra* lançado em 2007, já com grande sucesso editorial e adaptado para o cinema (participou do Festival de Cannes no início desse ano).

### 1 Marcello D’Orta, em *Io speriamo che me la cavo*

A escolha de Marcello D’Orta para inaugurar essa apresentação deve-se ao fato dele ter sido o autor de *Io speriamo che me la cavo*, obra que em nossas investigações quebra todos os modelos anteriores de texto literário a partir de Calvino. A descoberta do autor e do livro citado, sua obra mais famosa, contribuíram para aprofundar o entendimento do conceito de língua pela maioria de nossos alunos: de uma língua italiana única, *standard*, e, também, dos modelos clássicos de textos literários italianos mais conhecidos. Com seu texto original D’Orta transgride as normas e modelos

impostos pela tradição, e conquista os leitores não só da Itália quanto do exterior. D'Orta com seu estilo leve e inovador nos presenteia com uma nova visão de Nápoles através da comovente estória apresentada. Os alegres, e ao mesmo tempo duros, aspectos do modo de viver quotidiano dos napolitanos é o que interessa ao autor, lhe dizem respeito uma vez que os vive diariamente. E por isso procura representar em suas obras, uma Nápoles cheia de vida, de cores e confusões, com todos os problemas de uma cidade do sul da Itália.

*Io speriamo che me la cavo* é, particularmente, um retrato da cidade de Nápoles, mostrando uma versão desconhecida para os que não são cidadãos napolitanos. O livro é a coletânea de 60 (sessenta) redações, produzidas por crianças de uma escola do Ensino Fundamental (1º segmento) – *Scuola Elementare di Arzano* - da periferia de Nápoles - Itália. Essas redações foram selecionadas pelo escritor D'Orta, então professor da citada escola por mais de dez anos, e publicadas em forma de livro, em 1990, pela Editora Mondadori. O livro vendeu mais de dois milhões de cópias e foi traduzido para vários idiomas.

*La mia casa è tutta sgaruppata, i soffitti sono sgaruppati, i mobili sgaruppati,, le sedie sgaruppate, il pavimento sgaruppato, i muri sgaruppati, il bagno sgaruppato. Però ci viviamo lo stesso, perché è casa mia, e soldi non cene stanno.*

*Mia madre dice che il Terzo Mondo non tiene neanche la casa sgaruppata, e perciò ci dobbiamo lagnare: il Terzo Mondo è molto più terzo di noi<sup>1</sup>. (D'ORTA, 1990, p. 43)*

Segundo o autor, a seleção de tais redações não se deve a uma ordem cronológica, ao fato de serem tristes ou alegres, ou até mesmo polêmicas, mas porque todas sempre lhe deixaram marcas profundas, com significados que iam muito além do que estava escrito. Por isso o professor D'Orta as conservou e quis dentre tantas selecionar mais ou menos sessenta entre as mais interessantes, resultando na publicação do livro que alcança um número inesperado de publicações. Qual seria o segredo de tanto sucesso?

*Io speriamo che me la cavo* inspirou o filme com o mesmo título, dirigido por Lina Wertmüller, e tendo como ator protagonista Paolo Villaggio. Com grande sucesso de público não só na Itália mas em todo mundo, o filme aborda o tema da obra: a estória de um professor de italiano que é designado para trabalhar em uma *Scuola Elementare* da periferia de Nápoles. O *paese* chama-se, equivocadamente, Corzano (no livro é realmente "Arzano"), próximo a Nápoles. O professor, originário do norte da Itália, fica chocado com a situação dos habitantes daquela região,

*La mia scuola è vecchia, scassata, piena di buchi nei muri. Le aule sono sporche, senza lavagna, con i banchi tutti rotti. Se si aprono i tiretti delle cattedre escono i ragni. I gabinetti sono tutti rotti, la cannola non botta, i gabinetti puzzano.*

*I bidelli non fanno niente dalla mattina alla sera, il direttore è uno scemo che non sa comandare. Egli ha paura delle mamme che sono vaiasse e dei bidelli, che sono tutti delinquenti.*

*Nella mia scuola comanda il custode. Il custode è una specie di bandito, e tutti quanti tremano davanti a lui. Il mio maestro lo schifa<sup>2</sup>. (D'ORTA, 1990, p. 51)*

---

<sup>1</sup> A minha casa é toda decadente/em ruínas, o teto decadente, os móveis decadentes, as cadeiras decadentes, o chão decadente, as paredes decadentes, o banheiro decadente. Porém mesmo assim vivemos nela, porque é a minha casa, e não temos dinheiro. Minha mãe diz que o Terceiro Mundo não possui nem mesmo uma casa decadente, e por isso não devemos reclamar: o Terceiro Mundo é muito mais terceiro de nós. (tradução da autora)

<sup>2</sup> A minha escola é velha, quebrada, cheia de buracos nas paredes. As salas são imundas, sem quadro-negro, com os bancos todos quebrados. Se abirmos as gavetas dos bancos saem aranhas. Os banheiros estão todos quebrados, as torneiras não têm água, os banheiros fedem. Os inspetores não fazem nada de manhã até a noite, o diretor é um imbe-

Em uma entrevista sobre o sucesso do seu primeiro livro "Io speriamo che me la cavo", e do seu percurso enquanto escritor ainda desconhecido, o autor deixa transparecer a sua dificuldade em encontrar uma editora que publicasse seu livro, e, declara ainda que se não fosse a Mondadori ele teria desistido de publicar sua estória. Desse modo, hoje nós leitores não teríamos o prazer de conhecê-la e de nos deliciar com sua leitura.

Para o autor tais textos são impregnados de cores e vitalidade, naturalmente fora dos parâmetros das normas gramaticais, mas expressões exemplares de um humor involuntário, típico daquelas crianças napolitanas. Essas características, em um primeiro momento, nos levam a pensar que se trata de uma antologia de "pérolas". Mas para quem sabe olhar com acuidade, percebe o que há de diferente: uma sabedoria antiga, uma alegria espontânea e inocente ao mesmo tempo, um modo especial de retratar as duras condições de vida do povo do sul da Itália. É algo que induz a pensar que dificilmente um sério estudo de sociologia poderia se dar de forma tão imediata.

*Il paese o la città in cui vivi. Si chiama Arzano. A Arzano sono tutti sporchi, non si lavano; le strade sono tutte sgaruppate, i palazzi vecchi e terremotati, c'è solo munnizzia e siringhe drogate! Tommaso si butta nei bidoni della munnizzia, poi viene a scuola e ci porta i pirucchi; A casa sua nessuno si lava. Cianno un cane tutto sporco che cammina per le stanze.*

*A Arzano non c'è niente di nuovo, è tutto vecchio. Non c'è verde, non ci sono fontanine i palazzi se ne cadono fraciit<sup>3</sup> (D'ORTA, 1990, p. 47)*

As intervenções nos textos pelo escritor/professor foram quase inexistentes, somente intervenha nos casos em que algumas frases poderiam, em versão original, provocar uma incompreensão para o leitor. De qualquer modo, não modificou em nada o conteúdo para que se mantivesse intacto o frescor, a originalidade e a profundidade das mensagens que surgem das ainda pequenas, porém extraordinárias mentes daquelas crianças napolitanas.

Verificamos que as redações apresentam um exemplo de língua que não corresponde com a língua italiana apreendida dos manuais de ensino, muito menos com o modelo de língua ensinado pelo professor. Pelo contrário, encontramos uma percentagem de erros bastante considerável no tocante à ortografia do uso, seguida pela ortografia das regras gramaticais; aquela de menor importância é a ortografia fonética, embora presente em algumas redações.

Constatamos que a expressão de língua usada nas redações publicadas em *Io speriamo che me la cavo* evidencia uma forte interferência da língua falada na escrita, pois é a única língua que aquelas crianças conhecem. Ressalta-se a forte tendência em reproduzir a fala dialetal – o napolitano – nos textos, como se através disso a situação representada pudesse tornar-se mais verdadeira. As redações são, assim, consideradas exemplos de um registro informal do dialeto napolitano dos últimos anos do século passado.

Passemos, agora, a um outro autor com estilo próprio e importante representante da cultura siciliana.

## **2 Andrea Camilleri e o comissario Montalbano**

---

cil que não sabe dar ordens. Ele tem medo das mães e dos inspetores, que são todos delinquentes. Na minha escola comanda o administrador. O administrador é uma espécie de bandido, e todos tremem diante dele. O meu professor o desafia. (tradução da autora)

<sup>3</sup> A cidade onde vives se chama Arzano. Em Arzano são todos sujos, não se lavam, as ruas são todas esburacadas, as casas velhas e destruídas pelo terremoto, existe somente lixo e seringas drogadas! Tommaso entra nos latões de lixo, depois vem para a escola e nos traz os piolhos. Na casa dele ninguém se lava. Tem um cachorro todo sujo que anda pelos comodoss. Em Arzano não tem nada de novo, é tudo velho. Não tem verde, as casas caem podres (tradução da autora)

O maior sucesso editorial da Itália dos últimos anos é sem dúvida Andrea Camilleri. Camilleri é um escritor com mais de oitenta anos, que trabalhou a maior parte de sua vida como roteirista e diretor de teatro e de televisão. Depois dos sessenta anos, dedicou-se mais diretamente à literatura, escrevendo, desde então, romances históricos e histórias policiais protagonizados pelo comissário Montalbano.

Nascido em Porto Empédocle, na costa mediterrânea da Sicília, Camilleri ambienta a maior parte de seus livros na cidade siciliana imaginária de Vigàta. Em Vigàta transcorrem vários romances históricos, de fina ambientação e de texto cuidadosamente trabalhado. A narrativa é alinear, as vozes misturam-se, os períodos são mais longos e repletos de alusões e citações cifradas. O vocabulário escolhido remete a expressões pertinentes ao tempo em que se desenrolam as histórias. Alguns de seus livros já foram traduzidos e publicados no Brasil: *Um fio de fumaça* (2000), *Por uma linha de telefone* (2001) e *A ópera maldita* (2004). Muitos de seus livros ainda continuam desconhecidos do leitor brasileiro. Sempre na Sicília, acontecem as tramas históricas ou de mistério de *Il corso delle cose* (1978), *La strage dimenticata* (1984), *La stagione della caccia* (1992), *La bolla di componenda* (1993), *Il birraio di Preston* (1995), *La mossa del cavallo* (1999), *La scomparsa di Patò* (2000), *Il Re di Girgenti* (2001), *Le inchieste del commissario Collura* (2002) ou *La presa di Macalè* (2003). Fora isso, publicou inúmeros livros de teatro, histórias curtas, fez adaptações para cinema, teatro e tv.

*Quanto durerà ancora? Taliamo il ralogio disse il commedador Restuccia. A occhi e croce, vista l'ora, si fece persuaso che picca mancava alla fine del secondo atto. Si volto verso so moglieri che era cadura in sonno profondo, la scosse per un vrazzo. La signora sussultò, raprì gli occhi.*

*Chi fu? Domandò spaventata.*

*Nenti, Assunta. Appena finiscino di cantare, tra il secondo e il terzo atto ci susiamo, pigliamo i cappotta e ce ne torniamo a casa*<sup>4</sup>. (CAMILLERI, *Il birraio di presto*, p.151)

Mas o grande sucesso de Camilleri veio com Salvo Montalbano, comissário de polícia na Vigàta dos dias de hoje e personagem central de sete romances, nove novelas e cinquenta contos policiais reunidos em dois livros. Além da grande vendagem (que, na Itália, significa alguns milhões de exemplares vendidos de cada livro), todos os romances e um dos contos foram transformados em filmes para televisão, ocasionalmente com dramatização do próprio Camilleri. A série ampliou o sucesso do personagem, aumentou as vendas dos livros e difundiu, definitivamente, os personagens dos *gialli* de Camilleri.

*Parlo con lei di pirsuna pirsunalmente? Mi arriconobbe? Catarella sono.*

*Darrè la casa c'è una scala esterna e la cammara ha una porta-finestra.*

*I povirazzi che cadono nelle mani di questa gente da una lato si vrigognano e dall'altro si scantano.*

*Mi credi più stronzo di tia?*<sup>5</sup> (CAMILLERI, 2002, p.56)

<sup>4</sup> Quanto tempo ainda vai demorar? Vamos dar uma olhada no relógio, disse o Comendador Restuccia. Calculando por alto, convenceu-me de que, em vista da hora, faltava pouco para o final do segundo ato. Voltou-se para a mulher, que tinha caído em profundo sono, e sacudiu-a pelo braço. A senhora sobressaltou-se e abriu os olhos.

Que foi?, perguntou assustada.

Nada, Assunta. Quando terminarem de cantar entre o segundo e o terceiro ato, nos levantamos, pegamos nossos casacos e voltamos para a casa. (tradução da autora)

Os romances de Montalbano, pela ordem de escritura e publicação, são: *A forma da água* (1994), *O cão de terracota* (1996), *Ladrão de merendas* (1996), *A voz do violino* (1998), *Excursão a Tindari* (2000), *O cheiro da noite* (2001), *Il giro di boa* (2003) e *La pazienza del ragno* (2004). *La paura di Montalbano* (2002) e *La prima indagine di Montalbano* (2004) reúnem, respectivamente, seis e três novelas, de tamanhos variados. Trinta dos contos estão reunidos no volume *Um mês con Montalbano* (1998), outros vinte estão em *Gli arancini di Montalbano* (1999). No Brasil foram traduzidos, até 2003, os seis primeiros romances e a primeira reunião de contos.

Camilleri conta que, após escrever o primeiro romance de Montalbano - *A forma da água* - não tinha intenção de manter o personagem. Mas, além da boa receptividade que o livro teve, percebeu que poderia desenvolver mais as tramas e fazer de Montalbano uma espécie de protagonista de sua tese principal: o siciliano circula numa realidade que não responde às exigências da lógica elementar, move-se entre obscuridades e indefinições, tem marcas humanistas fundas, mas nem sempre as manifesta em meio às aparências e às cerimônias que deve desempenhar no cotidiano. Por isso Montalbano, tornando-se exemplar da identidade siciliana, prosseguiu por vários outros livros de Camilleri.

A busca de identificação do siciliano aparece também nos outros livros de Camilleri. Nas histórias do comissário, porém, é exposta de forma direta e, na maior parte das vezes, divertida. O texto, escrito de forma simplificada – principalmente pela escolha das palavras e pela ordem direta das frases – mas nem por isso descuidada, facilita a comunicação com o leitor geralmente ignorante das coisas da Sicília (e aqui não estamos falando apenas do leitor estrangeiro, mas também da maioria dos italianos). A presença de inúmeros termos e expressões dialetais não cria dificuldades: soa curioso e, muitas vezes, o uso do dialeto surpreende o próprio comissário, que traduz a expressão saída da boca de amigos ou subordinados. O ritmo e as formas sincopadas das falas dialetais combinam com o italiano empregado por Camilleri, renitente perante interferências estrangeiras e proporcionalizador de peculiar sonoridade da língua, em sua combinação com o “siciliano falado”, e às vezes inventado, dos personagens.

*Dai, Salvo, sei fissato?*

*Io? Fazio m’ha detto che al telefono col Questore scodinzolavi e che poi sei partito a razzo per andarlo a trovare.*

*Senti, il Questore m’ha detto testualmente: “Se il commissario Montalbano non è reperibile, venga lei immediatamente”. Che dovevo fare? Rispondergli che non potevo perché altrimenti il mio superiore s’incazzava?”<sup>5</sup> (Idem, p.20 )*

Nas primeiras publicações do escritor siciliano foi necessário que ele elaborasse um glossário para que os leitores pudessem entender seus textos, como aconteceu com o livro *Un filo de fumo*, publicado em 1980. Nas últimas edições o glossário já não se faz necessário, tornando-se supérfluo para os leitores atuais, uma vez que seu público basicamente já domina essa língua tipicamente camilleriana.

---

<sup>5</sup> Falo pessoalmente com o senhor? O senhor me reconhece? Sou Catarella. Atrás da casa existe uma escada externa e o quarto tem uma janela. Os coitados que caem nas mãos dessa gente de um lado se envergonham e do outro de assustam. Você acha que eu seja mais idiota do que você? (tradução da autora)

<sup>6</sup> Vamos Salvo, está preocupado!

Eu? Fazio me disse que ao falar ao telefone com o delegado você se derretia todo e que a seguir saiu rapidamente para encontrá-lo.

Ouçá, o delegado me disse textualmente: Se o comissário Montalbano não se encontra venha o senhor imediatamente. O que deveria fazer? Responder-lhe que não podia porque caso contrário o meu superior se aborreceria? (tradução da autora)

O próximo escritor a ser tratado não apresenta ao leitor uma realidade dialetal como os precedentes mas é considerado pela crítica um escritor inovador pelo estilo original de seus textos.

### 3 Alessandro Baricco em *Novecento*:

Baricco(1958), o jovem escritor torinês, é considerado um dos principais escritores contemporâneos da Itália. Escreveu os romances *Mundos de vidro*; *Oceano mar*; *City*; *Sem sangue* e *Esta história*, livros de ensaios e peças teatrais (como o monólogo *Novecento*, adaptado para o cinema por Giuseppe Tornatore). *Seda* foi traduzido para dezesseis idiomas e foi adaptado para o cinema por François Girard, em 2007. Baricco recebeu, na França, o prêmio Médicis Étranger e, na Itália, o Selezione Campiello Viareggio e o Palazzo al Bosco.

No Brasil, Baricco tem livros publicados pela Companhia das Letras, pela Iluminuras e pela Rocco. Sua obra mais conhecida é *Seda*, que narra a aventura de um comerciante que parte de sua cidade francesa rumo ao Japão, em busca da matéria-prima que dá nome ao livro - isso em pleno século dezenove. Uma mistura de romance, conto, fábula e relato de aventura, *Seda* é a história de um homem que mergulha num universo de mistério, onde vive uma paixão proibida. Mas é, acima de tudo, um livro a respeito de sensações, descritas na prosa ao mesmo tempo concisa e lírica

No ano passado, Baricco lançou na Europa uma espécie de nova e ousada versão da *Ilíada*, pela coleção Mitos, da Canongate. No trabalho de reconstrução do clássico, substituiu o verso pela prosa, lançou mão de uma linguagem informal e condensou a história do cerco de Tróia em apenas 5 mil linhas. Inventividade, afinal, é o que não lhe falta; além de escritor, é também diretor e animador cultural. Como se não bastasse, dirige, em Turim, uma escola literária que ensina aos novatos os vários estilos, que vão desde o romance até o videogame.

Baricco é crítico e estudioso musical refinado. Sua narrativa é sedutora e parece muito bem orquestrada. Apreendemos da leitura de suas obras que a experimentação do escritor é muito mais evidente nos modos da narração do que na estrutura sintático-lexicais, como podemos verificar em em seu livro *Novecento*:

*Novecento*, publicado em 1994, escolhido para ilustrar nosso trabalho, não é uma data, é um nome. Ou melhor, é o sobrenome do protagonista da estória criada por Baricco. É a estória de um bebê recém-nascido, abandonado dentro de uma caixa de papelão, em cima de um piano de cauda, do navio *Virginian*. O marinheiro que encontra o menino resolve adotá-lo e batizá-lo de Danny Boodmann Novecento. Aos 8 anos, Novecento fica órfão e passa a ser filho do navio, onde cresce. Torna-se um exímio pianista autodidata e passa 32 anos de sua vida sem jamais pisar em terra firme.

*A quel bambino incominciò a dare il suo, di nome: Danny Boodmann. L'unica vanità che si concesse in tutta la vita. Poi ci aggiunse T.D. Lemon, proprio uguale alla scritta che c'era sulla scatola di cartone,...Era un bel nome. "Un bel nome" disse alla fine il vecchio Boodmann, "però, gli manca qualcosa. Gli manca un gran finale". Era vero. Gli mancava un gran finale. "Aggiungiamo martedì," disse San Stull, che faceva il cameriere. "L'hai trovato martedì, chiamalo martedì." Danny ci pensò un pò. Poi sorrise. "È un'idea buona, Sam. L'ho trovato nel primo anno di questo nuovo fottutissimo secolo, no?: Lo chiamerò Novecento "Novecento?" "Novecento". "Ma è un numero!" "Era un numero: adesso è un nome." Danny Boodmann T.D Lemon Novecento. È perfetto. È bellissimo. Un gran nome, cristo, davvero un gran nome. Andrà lontano, con un nome così. Si chinaron sulla scatola di cartone. Danny Boodmann T.D. Lemon Novecento li guardò e sorrise; loro*

*rimasero di stucco; nessuno si aspettava che un bambino così piccolo potesse fare tutta quella merda.* <sup>7</sup>(BARICCO, 1994, p.20,21)

Sem registro nem família — especula-se que ele tenha sido abandonado por alguma imigrante desesperada —, ele faz do navio sua pátria e família. O pianista mais talentoso dos mares aumenta sua lenda com a inesgotável disposição de tocar piano, sob sol ou violentas tempestades. Viu todas as cidades do mundo do ângulo do oceano, sem conhecê-las, apenas a imaginá-las. Mas chega o dia em que Novecento resolve, finalmente, descer do navio. Quer ver o mar da perspectiva de quem está na terra. O que isso pode significar para ele?

Este romance é, antes de tudo, uma bela e singela história que o escritor italiano Alessandro Baricco criou para o ator Eugenio Allegri representar no palco. Única peça teatral em seu repertório literário, *Novecento* é um monólogo delicado, lírico e conciso, que "oscila entre uma verdadeira entrada em cena e um conto para ser lido em voz alta", como diz o autor na apresentação.

*Suonava non so che diavolo di musica, ma piccola e ... bella. Non c'era trucco, era proprio lui, a suonare, le sue mani, su quei tasti, dio sa come....Quando si trovò il comandante di fianco, bollito dalla sorpresa, lui, letteralmente bollito, quando se lo trovò di fianco, tirò su col naso, la riccona dico, tirò su col naso e indicando il pianoforte gli chiese:*

*"Come si chiama?"*

*"Novecento."*

*"Non la canzone, il bambino."*

*"Novecento."*

*"Come la canzone?"*

*Avrebbe voluto dire molte cose, in quel momento, e tra le altre "Dove cazzo hai imparato?" o anche "Dove diavolo ti eri nascosto?". Però, come tanti uomini abituati a vivere in divisa, aveva finito per pensare, anche, in divisa. Così quel che disse fu:*

*"Novecento, tuto questo è assolutamente contrario al regolamento".*

*Novecento smise di suonare. Era un ragazzino di poche parole e di grande capacità di apprendimento. Guardò com dolcezza il comandante e disse:*

*"In culo il regolamento".* <sup>8</sup> (Idem, p.25)

<sup>7</sup> Àquele menino começou a dar o seu nome: Dany Boodmann. A única vaidade que se concedera em toda sua vida. Depois acrescentou T.D. Lemon, exatamente como estava escrito na caixa de papelão,...Era um belo nome. Um belo nome, disse o velho Boodmann, porém lhe falta alguma coisa. Lhe faltava um *gran finale*. Era verdade. Lhe faltava um *gran finale*. Acrescentemos martedì (Terça-feira), disse Sam Stull, que era garçon. Você o encontrou na terça-feira, chame-o Terça-feira. Danny pensou por um instante. Depois sorriu. É uma boa idéia., Sam. O encontrei no primeiro ano desse século fudidíssimo, não? O chamarei Novecentos. Novecentos? Novecentos. Mas é um número! Era um número. Agora é um nome. Danny Boodmann T.D.Lemon Novecento. É perfeito. É belíssimo. Um grande nome, cristo, realmente um grande nome. Vai longe com um nome assim. Se quinquaram sobre a a caixa de papelão, Danny Boodmann T.D. Lemon Novecento os olhou e sorriu: eles ficaram surpresos: ninguém esperava que um menino tão pequeno pudesse fazer toda aquela merda. (tradução da autora)

<sup>8</sup> Tocava não sei que diabo de música, mas breve e...bela. Não existia nenhum truque, era ele mesmo que tocava, sobre aquelas teclas, Deus sabe como....Quando se deparou com o comandante a seu lado, surpreso, ele, literalmente surpreso, quando se deparou com ele,...olhando para o piano, lhe perguntou: Como se chama? Novecentos. Não é a canção, é o menino. Novecentos. Como o canção?

Quem narra a história é um músico, tocador de trompa, que embarca num navio a vapor para integrar a banda a bordo. Eles tocam dia e noite, jazz e ragtime, para primeira, segunda e terceira classes. Sob o comando de um capitão claustrofóbico, flutuam mais de mil pessoas, entre ricos, pobres e imigrantes, um timoneiro cego e um telegrafista gago. E, acima disso tudo, está ele, Novecento, o centro das atenções em alto-mar. Uma verdadeira lenda, quase uma fábula, que terá um surpreendente fim quando o navio se acaba, na guerra.

*Io ho imparato così. La terra, quella è una nave troppo grande per me. È un viaggio troppo lungo. È una donna troppo bella. È un profumo troppo forte. È una musica che non so suonare. Perdonatemi. Io non scenderò. Lasciatemi tornare in dietro.*

*Per favore/*

*/*

*/*

*/*

*Adesso cerca di capire, fratello. Cerca di capire, se puoi/*

*Tutto quel mondo negli occhi/*

*Terribile ma bello/*

*Troppo bello/*

*(Idem, p.57)*

Observamos no texto de Baricco uma variedade de gêneros narrativos, um texto que nasceu para ser representado ou musicado, um verdadeiro espetáculo. Há uma mistura de prosa, poesia e texto musical, sem nenhum compromisso com um modelo ou um gênero textual já conhecido. Ao contrário, o autor deixa as suas idéias fluírem livremente, sem observar qualquer regra de pontuação. Utiliza-se de uma linguagem simples, muito próxima da língua falada, com expressões bastante coloquiais. O jovem escritor com seu estilo original representa a nova geração de escritores nas suas preferências pelas aventuras e surpresas, dando origem a narrativas híbridas, transgressoras, reflexos do próprio tempo.

## **Conclusão**

Como conclusão salientamos a importância dos autores apresentados pois retratam uma realidade italiana, com reflexos históricos e sociolinguísticos de uma cultura mosaica, muitas vezes desconhecida pelos próprios italianos, o que fará dos estrangeiros. A leitura das obras apresentadas reforça e comprova o que importantes teóricos como Tullio De Mauro afirmam que não existe, na verdade, uma única língua italiana, mas uma variedade, uma multiplicidade de línguas que convivem no mesmo território. Assim, os autores escolhidos para essa apresentação nos mostram não

---

Gostaria de dizer muitas coisas naquele momento, e dentre elas: em que caralho aprendeu, ou também Onde você se escondeu? Porém, como tantos homens acostumados a viver de uniforme. Assim, o que disse foi:

Novecentos, tudo isso é absolutamente contrário ao regulamento. Novecentos parou de tocar. Era um menino de poucas palavras e de grande capacidade de aprendizagem. Olhou com doçura o comandante e disse: Va tomar no cú o regulamento!



somente as diferenças culturais existentes no território italiano mas, principalmente, a sua realidade lingüística variada, uma língua caracterizada pela sua múltipla identidade, com grande interferência da mídia e de outras línguas estrangeiras, diante de um cenário altamente marcado pela globalização.

Sabemos que o italiano *standard*, tendo como modelo os padrões da língua literária, hoje é basicamente a língua encontrada nas gramáticas italianas, ou a língua da escrita. Há séculos a língua italiana foi basicamente escrita e não falada (SOBRERO). Porém, o que verificamos nos textos abordados são características de uma língua italiana viva, um repertório lingüístico rico e diversificado, com traços muito próximos da língua falada, que é a tendência do estilo literário de grande parte dos escritores contemporâneos.

É importante sublinhar que os novíssimos escritores da literatura italiana contemporânea vêm despertando o interesse de nossos alunos e, temos certeza que o mesmo ocorra em outras instituições. Em nosso Programa de Pós-graduação existem Dissertações de Mestrado defendidas, outras em andamento e algumas Teses de Doutorado em fase de conclusão que elegeram para objeto de estudo textos de autores como Marcello D'Orta, Andrea Camilleri, Diego de Silva, Niccolò Ammaniti, dentre outros escritores ainda não canonizados pela crítica literária italiana.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BARICCO, Alessandro. *Novecento. Un monologo*. Milano: Feltrinelli Editore, 1994.
- [2] CAMILLERI, Andrea. *La paura di Montalbano*. Milano: Mondadori Editore, 2002.
- [3] D'ORTA, Marcello. *Io speriamo che me la cavo*. Milano: Mondadori Editore, 1990.
- [4] LA PORTA, Filippo. *La nuova narrativa italiana. Travestimenti e stili dei fine secolo*. Torino: Bollati Boringhieri Editore, 1999.
- [5] TRIFONE, Pietro. *Lingua e identità . una storia sociale dell'italiano*. Roma: Carocci, 2006.

## **Autor**

**Annita GULLO, Profa. Dra.**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Departamento de Letras Neolatinas

[annitagullo@uol.com.br](mailto:annitagullo@uol.com.br)